

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Maria Aparecida Basto Rossi

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora /Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato- Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: -

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: residência da entrevistada em Santa Cruz do Rio Pardo

Data: 30 de agosto de 2021

Técnico de gravação: Janice Zilio Martins Pedroso

Duração: 50 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 24

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, com a entrevistada Maria Aparecida Basto Rossi, no ano em que a escola comemorou seus 50 anos, em 2021. A professora Cidinha, carinhosamente assim chamada pelos seus alunos, foi escolhida por ser a primeira docente mulher atuando como professora da área técnica do curso de Técnico em Agropecuária. Participou da implantação da Cooperativa Escola e na elaboração da apostila sobre cooperativa escola juntamente com Eva Chow Beleza que foi editada pelo Ceeteps em 1998.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 25 de setembro a 4 de outubro de 2021

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Janice Zilio Martins Pedroso (JZMP): Eu sou a professora Janice Zilio Martins Pedroso. Eu agradeço muito a sua disposição de estarmos aqui nessa tarde, me recebendo aqui na sua residência, deixando seus afazeres de lado né, Maria Aparecida Basto Rossi, hoje que é dia 30 de agosto de 2021, para me conceder essa entrevista que vai para o centro de memória da Etec Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo que será difundida no Programa História oral da Educação do Centro Paula Souza que tem um site de memórias. Pra gente iniciar nossa entrevista, a senhora poderia nos contar um pouquinho sobre a sua origem familiar e social para essa entrevista de história oral de vida?

Maria Aparecida Basto Rossi (MABR): Pois não. Eu nasci em Sorocaba e lá eu estudei até o segundo grau atual. Na época, que eu estudei era magistério científico. Era outra denominação, mas era o segundo grau. Então eu iniciei meus estudos no colégio beneditino e fiz o magistério, até o final do magistério, nesse colégio, e junto com ele fazia a noite o científico numa escola estadual de Sorocaba. Meu pai era comerciante e minha mãe era do lar. Nós não tínhamos nada a ver com o que eu fiz depois do segundo grau. Porque aí após o segundo grau, eu fiz um ano de cursinho em São Paulo, o objetivo, e aí na época a gente prestava o Cecem que era o vestibular unificado para as escolas da área médica né. Aí eu passei na primeira chamada para Faculdade de ciências médicas e biológicas de Botucatu para fazer o curso de Medicina Veterinária. Isso eu entrei, hum, deixa eu pensar um pouco: eu entrei no ano de 66, não 67. Aí eu me formei em 71 como médica veterinária. Após a formatura, logicamente eu tinha que procurar um emprego. Aí surgiu uma vaga de veterinária, no chamado que era pertencente à secretaria de agricultura e abastecimento de São Paulo era o Departamento de Ensino Técnico (DET). E aí eles tinham as escolas técnicas que era sob a jurisdição deles e apareceu vaga para veterinária em Cerqueira César. Aí eu vim para Cerqueira César fiquei até 73. Aí em 73 apareceu uma vaga aqui em Santa Cruz do Rio Pardo, que eles precisavam de uma veterinária porque tinha animais e eles só tinham agrônomos no corpo técnico deles. Então em vim transferida para cá e aí eu fiquei até aposentar e 98 na escola.

JZMP: Então quando a senhora veio para Santa Cruz já era para trabalhar na Etec.

MABR: Já direto para trabalhar na Etec. Eu vim e assumi o cargo na então escola colégio de Maria que era aqui na cidade. Então a gente ministrava aulas teóricas aqui e tinha a fazenda que foi adquirida pela prefeitura e pelo Estado, que era a fazenda da escola. Então a gente tinha aula teórica aqui e ia para as aulas práticas pra fazenda. Aí naquela época, a fazenda praticamente quando foi comprada, ela não tinha nada; não tinha instalação nenhuma, tinha só as terras. Então o pessoal da agricultura já pode mexer nas terras tudo, só que a parte de veterinária, a gente ensinava, mas começou aos poucos, adquirindo primeiro bovinos, depois suínos e aves. Então eram esses três setores só da parte veterinária. E aos poucos elas foram crescendo e a gente foi também trabalhando com os alunos nesse sentido. Mas só que naquela época era totalmente tudo muito diferente; primeiro porque no começo as verbas vinham através da secretaria da agricultura e eles exigiam que o diretor da escola fosse agrônomo, pois se era uma escola técnica voltada pra agronomia e veterinária, tinha que ser alguém de formação técnica. Então o nosso primeiro diretor foi o José Rubens Rocheli que era agrônomo formado pela ESALQ. E todo corpo técnico da parte agrícola, era tudo agrônomo. Só eu de veterinária porque abriu a vaga aqui justamente por causa que ia começar a introduzir a parte de animais. Eu fiquei muito tempo sendo só eu a única veterinária da escola, aí nesse tempo aí de secretaria de agricultura já passou para outra secretaria e foi passando Secretaria de Educação e quando entramos pra educação, eles já tiraram o diretor técnico. Eles não queriam mais um agrônomo como diretor. Aí os diretores que foram indicados eram tudo da Secretaria da Educação que vinham através de transferência. Eles faziam a opção e vinham pra escola. Foi um bom tempo assim. Então, quando foi para assumir um diretor que não fosse técnico, veio para cá a Olavinia Negrão. Depois dela, veio o Zacura e aí começou a vir um pessoal da Educação. Mas a nossa parte técnica continuava. Não tinha coordenação nada, como existe agora né, na escola que agora é da Paula Souza. Nós passamos um bom tempo então só na secretaria de educação e, nesse ínterim, para a gente poder dar aulas eu fiz Esquema I que era um esquema de licenciatura na faculdade de medicina veterinária de Araraquara. Então a própria secretaria custeou pra gente fazer esse curso lá para ter a licenciatura. Então a partir daí a gente ficou licenciado para poder dar aulas. Apesar que a gente já dava aula normalmente só que não tinha o título de professor. Então as coisas foram caminhando até que ... eu vou falar mais ainda sobre aquela parte ... Eu acho que é muito importante, essa parte que a gente ficou aqui que era Secretaria da Agricultura, porque eu achava que era muito bem elaborado apesar das dificuldades da época. Porque o projeto era chamado projeto Escola Fazenda então foi um projeto executado, em que os alunos eles eram mantidos na escola, para receber os ensinamentos técnicos e ao mesmo tempo trabalhar. Porque nas aulas práticas eram feito trabalho. Então para que isso ocorresse de uma forma organizada eles também organizaram um projeto que chamava Projeto Escola

Fazenda que dividia os alunos em LPP que era Laboratório de Prática de Produção e em PAO que era Projetos Agrícolas Orientados. Qual que era a diferença de um e do outro? Então o LPP, era para manutenção da fazenda, e tudo que fosse relacionado com a escola, a produção que vinha para abastecer o refeitório. E o PAO era uma chance que os alunos tinham de começar já na iniciativa de escolher algum projeto para desenvolver. Então eles iam escolher esse projeto de acordo com a habilidade de cada um. Então eles escolhiam os projetos que eles queriam desenvolver e o professor da disciplina só orientava esse trabalho. De uma forma ou de outra era feito escala de alunos. Isso sempre teve na escola agrícola e a escala era o quê? Uma escala de trabalho. Então essa escala, numa semana eles trabalhavam para escola vamos dizer assim que era no LPP e na semana seguinte, eles iam trabalhar pra eles que era o PAO. Era a produção deles por que a produção deles? Porque essa produção era tudo contabilizada. Tudo feito um levantamento e eles ganhavam horas como se fosse de trabalho remunerado para eles poderem tocar os projetos que eles tinham escolhido para eles. E aí no final a gente já tinha uma cooperativa e a cooperativa que gerenciava todas essas horas trabalhadas e o que era produzido na escola. Aí chegava no final do curso era contabilizado tudo isso, e a maioria das vezes sobrava dinheiro para eles, porque aquilo que tinha ido para escola era contabilizado, e as sobras eram repartidas entre os alunos que se formavam. Era um incentivo para eles trabalharem na fazenda, eles executarem as tarefas, aprenderem e ao mesmo tempo ter alguma coisa no final do curso. Então isso foi muito tempo até que depois começou a mudar pra Educação, mudou para Paula Sousa daí já foi extinguindo tudo isso.

JZMP: Certo, eles faziam esses projetos que a senhora chamou nas aulas mesmo ou em um horário específico, era fora do horário de aula?

MABR: Era fora do horário de aula. O projeto de LPP era da própria disciplina. Se tinha 2 horas aula teórica de Zootecnia e ia ter 3 de prática, então era o LPP de zootecnia prática. Aí, isso daí eram atividades executadas práticas, mas se fosse o PAO que eles tivessem escolhido por exemplo, nós queremos criar galinha, então eles tinham um lote que era só deles e daí eles tinham que desenvolver nesse PAO que era o horário deles cuidarem do que era deles, mas no projeto deles sempre tinha aluno porque metade ia para escola metade ficava no projeto deles, depois invertia na semana seguinte. Quem tava trabalhando com o projeto ia para escola, escola sim, só para poder entender né e depois o que tava trabalhando pra escola, ia nos projetos. Quer dizer, nunca ficava nenhum setor sem aluno para trabalhar, pra dar conta do serviço.

JZMP: Entendi! A senhora colocou né que tinha uma parte das... que as aulas práticas eram realizadas lá na fazenda né. E como é que os alunos eles eram deslocados para fazenda?

MABR: Eles iam de caminhão. Caminhão tipo boia-fria. Eles iam na carroceria do caminhão e os professores nós íamos com uma kombi também que era do colégio. Que no começo o colégio tinha uma kombi e tinha esse caminhão. Tinha também um ônibus que até agora, até pouco tempo ele existia ainda, que tava caindo os pedaços, mas no começo esse ônibus não funcionava para levar aluno. Era no caminhão. Para eles eram a festa porque molecada em cima do caminhão? Iam daqui lá fazendo folia. Mas, ao mesmo tempo graças a Deus nunca aconteceu acidente nenhum, com aluno nenhum e foi tudo em ordem, porque também naquela até os próprios trabalhadores de roça, eram todos levados em caminhão. Ninguém se deslocava de outro jeito a não ser através de caminhão de bóia-fria que eles falavam.

JZMP: É isso mesmo e agora mudou tudo né?

MABR: E agora não pode nada disso. (risos)

JAMP: Pois é. Lá na Etec que era o colégio agrícola quando a senhora entrou, a senhora veio para o curso de Agropecuária.

MABR: Isso porque naquela época funcionava: Técnico Agrícola, Monitor agrícola e Técnico em Economia Doméstica. O técnico em Economia Doméstica só para as meninas e o técnico Agrícola só para menino e o monitor agrícola também. O que que era o Monitor Agrícola? O monitor agrícola era um pré- técnico. Quer dizer, um auxiliar do técnico. Alguma coisa mais básica tipo assim, primeiro grau, enquanto que o técnico era o segundo grau. Então veio muita gente principalmente na região de São Pedro para fazer esse monitor agrícola que era um curso mais rápido e ao mesmo tempo dava um diploma para ele. Depois disso, daí eles pensavam se eles queriam continuar como técnicos ou eles queriam partir para o colegial ou qualquer outro tipo de estudo. Mas eu acho que na época que a gente tava aqui funcionou muito isso e teve muitos alunos que se destacaram por fazer esse curso e depois para poder entrar na área.

JZMP: Certo! Nos outros cursos a senhora não ministrou aula, no de Economia Doméstica?

MABR: Economia doméstica era só as formadas em Economia Doméstica porque daí eles iam ter curso de culinária, curso de bordado, essas coisas tudo relativo à mulher que ia ajudar

na agricultura, que era a esposa do agricultor para fazer alguma coisa na fazenda.

JZMP: Entendi. A parte de horta também era lá ou era aqui?

MABR: Não, era aqui na escola daqui. Porque aqui era enorme o colégio, aqui tinha uma área boa, então a horticultura funcionava aqui porque era mais fácil também para levar tudo para o refeitório. Porque a horta praticamente era só para consumo do refeitório. Porque o excedente era muito pouco pra conseguir comercializar.

JZMP: Entendi. E os componentes que a senhora ministrou aula, quando a senhora veio pra Etec. A senhora se recorda?

MABR: É Zootecnia, Criações, Administração e Economia rural e indústria rural. Só que na época industrialização e economia, era tudo mais teórico. Industrialização a gente não fazia praticamente nada a gente ensinava a fazer, mas não tinha como realizar a industrialização. E a economia rural é uma coisa mesmo teórica na administração né era eles saberem administrar aquilo que eles estavam fazendo. Então a gente ensinava a fazer projeto de criação, ou então aos agrônomos um projeto de café, um projeto de horta, fosse qual projeto fosse então era nessa área de administração e economia rural. E eles tinham mecanização também, mas daí era tudo os agrônomos.

JZMP: Entendi. E essa questão de maquinários na época era bem precária? Ou não, não existia nada ... era bem braçal...

MABR: Existia, existia porque o DEA lá que a gente falava, que era o departamento de ensino agrícola, eles mandavam o maquinário. Então a gente já tinha Tobata, que era um tratorzinho pequeno, tinha um trator grande que já veio tudo como propriedade do estado. Vinha para a escola e também na época, tinha um convênio com a prefeitura. Eu não sei até quanto que a prefeitura também auxiliava. Eu só sei que tinha muitos funcionários que trabalhavam na escola, que eram pagos pela prefeitura. Geralmente em secretaria, inspetor de alunos, essas coisas eram todos funcionários da prefeitura. Não era funcionário do estado. Do estado eram os professores. Tanto os professores de cultura técnica que eram os técnicos e professores de cultura geral que era a cultura normal, que é Português, Matemática todas as outras disciplinas normais de um curso técnico.

JZMP: Certo, e dessas disciplinas que a senhora ministrava as aulas práticas né como a senhora falou é como veterinária, a senhora ensinava eles a que?

MABR: Bom, por exemplo, no Bovinocultura de leite, tinha que ensinar desde o nascimento do bezerrinho, se houvesse problema no parto eu tinha que ensinar o que eles poderiam fazer naquele parto, porque não é tudo também que era autorizado pro técnico; então o bezerrinho a nascer, depois o cuidado, a alimentação, como que preparava a ração, como que eram as técnicas também pra tirar leite; só que a ordenha era manual, não era a ordenha mecânica. Depois para suínos também mesma coisa, castração, alimentação, tudo isso era mantido na teórica depois da prática eles tinham que desenvolver as atividades. Então, uma castração, eu ia no primeiro momento castrava um leitãozinho para eles assistirem. A partir do que eu demonstrei aí era algum deles que queriam aprender que já entrava fazendo, quer dizer aí eles já colocavam em prática o ensinamento.

JZMP: Que legal! A senhora já falou né com relação aos recursos. Tinha muita dificuldade, mesmo tendo a parceria com a prefeitura?

MABR: Eu acho que nem era tanto do jeito que eles falam e que eles querem falar que era. Eu acho que é mais assim sabe, porque não era que a gente passava necessidade não. E a escola tinha uma alimentação que era um espetáculo, quer dizer, além do que era produzido tudo vinha em abundância, não era coisa pouca não. Eles tinham diversas refeições, acho que cinco refeições: café da manhã, almoço, café da tarde e ceia. E eram todos muito bem alimentados. E as economistas domésticas, elas faziam muita coisa também para a própria alimentação dos alunos. Então, por exemplo, no café da tarde um bolo, uma coisa, tudo eram as meninas que faziam tudo pro lanche. Eu acho, eu não via dificuldade tamanha que teve nessa época não. Só que lógico, que depois que passou pra Paula Souza, o volume de dinheiro foi muito maior, porque já foi uma estrutura de um departamento que já tava funcionando há muito mais tempo mexendo com Escola Técnica, talvez eles tivessem um melhor jeito né de que as verbas viessem mais destinadas pra esse fim. Aí houve uma reforma muito boa da escola, reformou tudo; agora se você comparar o que tinha com o que tem, não tem comparação porque é uma melhora medonha. Mas em muitos termos eu acho que funcionava muito bem, apesar lógico que tinha coisa que tinham que ser reativada, melhorada, mas não era uma coisa assim que passava necessidade, era horrível, que não tinha, que não vinha verba. Vinha sim, só que não era também num montante absurdo. E tudo tinha que prestar conta, mas isso é uma coisa normal.

JZMP: Claro, e assim dentro do que era necessário, tudo era provido!

MABR: Tudo era provido. Porque a gente fazia todo começo de ano, sempre montava os projetos e de acordo com o que você montasse de projeto o que era pedido. Então de acordo com o que eu pedia, por exemplo, pros animais um tanto de ração, no caso por exemplo, do Aviário lá eu precisava de bujão de gás para manter temperatura lá quando era pintinho, para eles poderem se desenvolver, então já tinha que pôr tudo no projeto. O que fosse do projeto era mandado. Lógico que se a gente esquecesse de alguma coisa, aí já não vinha. Mas isso daí a gente trabalhou muito tempo desde o começo em cima daquilo, então era difícil que faltasse as coisas sem previsão. Na verdade, a gente tinha que prever tudo.

JZMP: A senhora falou de alguns diretores né. Primeiro diretor. Depois que veio para secretaria de educação, a senhora se recorda de mais algum?

MABR: Eu sei. É a Ola, depois da Ola, o Zacura, depois do José Zacura veio Laureano Scucuglia, antes dele tem as mulheres, as outras mulheres. Tem Maria Odila, Maria Otília, a Luzia Ortega. Bastante gente passou pela escola até chegar acho que quando já tava quase passando pra Paula Souza, o último que assumiu foi o Altamiro. Depois do Altamiro já entrou a Leni. Daí já tinha que ser concursado pela Paula Souza pra poder ser colocado o diretor. Até o Altamiro era indicação. Eles indicavam quem é que ia ser o diretor.

JZMP: Correto. E dos professores que trabalharam com a senhora na época, a senhora se recorda?

MABR: Tem bastante!

JZMP: De alguns...os mais próximos talvez...

MABR: O Antônio Salvador Consalter, que é o Toninho que agora ele é do sindicato, o presidente do sindicato, aí tinha Antonio Carlos de Seta que é falecido, depois tinha o Scarpin ele já entrou também naquela época lá, já era de lá, o Altamiro também só que o Altamiro não era agrônomo. Ele era formado em ciências agrícolas do Rio de Janeiro tanto é que depois que ele depois entrou como diretor porque ele já tinha formação para professor. Ele não precisou fazer o esquema 1 como todos nós fizemos.

JZMP: Nessa época já existia essa questão da setorização da escola?

MABR: Já. Desde o começo quando a gente entrava já tinha o setor. Cada um era responsável por um setor. Então ninguém podia influir no setor do outro a menos que fosse a pedido do professor pra gente fazer alguma coisa. Já tinha a setorização e eram as mesmas atuais agora, eu acho que sim, só que agora por exemplo a parte de zootecnia aumentou demais porque aumentou piscicultura, apicultura, e tinha não sei se ainda tem a cunicultura, quer dizer então isso aí foi tudo vindo à medida que foi progredindo a escola, ampliando e podendo ter condições de aumentar os setores.

JZMP: Certo, aí os alunos que cuidavam de tudo isso né?

MABR: Tudo sempre foram os alunos, porque depois tinha braçal também, mas o braçal praticamente ele ajudava. Ele fazia uma parte, mas a maioria eram todos os alunos trabalhando.

JZMP: Inclusive nas férias né?

MABR: Nas férias tinha escala de férias, de feriado, tudo tinha escala e a mudança também, os nossos alunos eram mais do Paraná, Mato Grosso e São Paulo. Agora tem muita gente lá de cima, do Pará.

JZMP: Tem, temos bastante alunos!

MABR: Porque não tinha, de primeiro não vinha.

JZMP: É nós temos; acho que ... eu não sei né. Segundo a entrevista da Dona Leni, ela falou que não se recorda de ter algum aluno só do Sul, do Rio Grande do Sul porquê dos outros estados ela disse que sempre teve né mas concentra bastante no Pará mesmo.

MABR: Então, e na época nossa era Paraná, Paraná inteiro quase. Paraná, tinha São Paulo mais de menor quantidade, tinha muito do Mato Grosso. Não sei se ainda continua tendo.

JZMP: Tem, tem alunos ainda. E a questão do comportamento disciplinar dessa molecada? Eles davam muito trabalho?

MABR: Eu particularmente, eu trabalhei também em outras escolas fora a escola agrícola, trabalhei no Leônidas, trabalhei no OAPEC, trabalhei na escola de comércio... eu

comparativamente eu achava que escola agrícola dava de 10 a 0 nas outras porque os nossos alunos sempre foram muito respeitosos, educados e realmente era um pessoal que tinha fama de bagunça. Mas eles não eram. Dentro da sala de aula era um comportamento exemplar. Não tinha nunca bagunça, ou então alguém falar alguma coisa que ofendesse professor. De jeito nenhum, enquanto, que nas escolas da cidade, tem e tinha, já tinha também. Eu acho que era do meio que eles vinham porque a maioria era de pai sitiante essas coisas; o pessoal do Paraná principalmente. Todos vinham da área rural mesmo. Então já tinham um tipo de educação diferente de muita gente que é criada na cidade que é meio levada assim, vamos dizer no bem bom. Sempre teve de tudo e não precisou nunca ter necessidade. Eu penso que seja isso, porque eu nunca me lembro de ter um aluno que me desrespeitou, ou tivesse desrespeitado um outro professor, que isso tivesse causado uma polêmica. Enquanto, que no Leônidas eu sei que já teve gente, teve que chamar a polícia tudo pro aluno, então a gente já sabe disso. Então eu acho que a escola agrícola sempre foi em questão de disciplina, foi exemplo porque realmente a gente não tinha problema. A gente na época lá atrás, a Leni dava catequese lá, o Beleze dava catequese, quer dizer, onde que você vai dar catequese junto na escola? Aqui não tem condição. Eles mal vão na catequese quando o pai e a mãe colocam pra ir na igreja; e lá não, eles mesmo vinham e perguntavam: será que eu não posso fazer curso pra primeira comunhão? Começava na primeira comunhão, crisma, teve um que acho que até batismo não tinha ainda, foi batizado. Quer dizer e eles pediam missa, quer dizer então de tempo em tempo faziam missa lá, quer dizer, eu acho que isso lá é um tipo de ensino, um tipo de ambiente que é diferente. Talvez em outras escolas isso não aconteça mas, na nossa felizmente sempre foi assim.

JZMP: Até porque eles vinham de longe e acabaram ficando o ano todo aqui!

MABR: Ficavam aqui, não iam embora nas férias, tinha escala, então e acho que pelo fato disso também, eles tinham meio medo porque se realmente fizesse alguma coisa, era pai e mãe chamado. E não tinha chance. Não é que ele ia lá chorar... ah não chama! Chamo sim! E o diretor chamava e contava o que tinha acontecido exatamente o que tinha que acontecer e por exemplo, era suspenso um dia, uma semana ... quer dizer eles sentiam na pele que aquela suspensão dava problema pra eles então eles

JZMP: Se comportavam! (risos) Eita! Com certeza a senhora vai se lembrar de alguns alunos que se destacaram aí na área!

MABR: Então eu já citei uma vez o Bassetinho. Que ele foi até fazer curso em Israel, tudo se especializou, que foi uma maravilha. Sem ser ele tem outros também que foram pra fora. Teve uma fase também da escola que a ESALQ dava muito apoio para nós. Eles vinham, ministravam curso pra professor, pra aluno, quer dizer isso era um incentivo pro aluno que se destacasse numa determinada disciplina para ele poder estudar para fora, fazer algum curso, alguma especialização. Nós temos alunos ainda que estão pra fora e tem os que já voltaram e que estão na atividade deles. Agora os paranaenses, eles todos voltaram pra ... Cianorte, é uma das cidades que mais tem ex-aluno nosso. Até tem um que ele veio esses tempos aqui e ele falou: se vocês foram lá vocês só vão ver ex- alunos. Não tem mais ninguém na cidade é só nós. (risos) assim, eles brincam com a gente. Então é um pessoal muito bom, que se destacou, que trabalha em Cocamar que é cooperativa muito grande. Eles realmente eles têm um destaque muito bom nas atividades agropecuárias. Tem muitos alunos que fizeram faculdade, eles saíram do técnico prestaram Agronomia, Veterinária, nós temos professor agora que foi ex-aluno, que é o Reginaldo de topografia; o Beleze também que é professor de agricultura que também é formado em agronomia; quer dizer então a gente tem um pessoal que é o próprio ex-aluno né que voltou pra escola para ser professor. Quer dizer eu acho que isso aí também é uma coisa muito boa.

JZMP: Com certeza né! Gostou da área, se especializou e hoje está como docente na instituição.

MABR: Exatamente.

JZMP: É, eu sei que a senhora participou da implantação da cooperativa escola. A senhora poderia contar um pouquinho sobre como que foi a implantação, e depois, como que os alunos participavam depois que foi implantada.

MABR: Porque na verdade desde a primeira cooperativa escola que foi aqui na cidade ainda eu já fazia parte.

JZMP: Foi logo no início?

MABR: Foi logo no início. Eu vim para cá em 74 e já funcionava a cooperativa. Porque na verdade os projetos só funcionavam através da cooperativa. Porque a cooperativa que centralizava tudo. A parte contábil não, contábil era tudo feito por escritório, porque isso aí não dizia parte nossa, mas a parte de levantamento, do que gastou, do que produziu, das

horas de trabalho eram todas controladas pela escola. Então através da cooperativa. A cooperativa tinha todo um planejamento, tudo um esquema certinho, até utilização de todos os meios e recursos. Na verdade, ela gerenciava, mas, ela passava sobre o crivo do diretor, de todos os professores. Não era assim que eles mexiam com o dinheiro, não era bem assim. Apenas o controle administrativo de tudo. Então isso daí já existia. Quando voltou, quando chegou na Paula Souza, eles criaram de novo um sistema de cooperativa. Só que daí foi no esquema completamente diferente do que funcionava a outra cooperativa. Mas para essa implantação também, eu também fiz parte. No começo, os alunos, eles gostavam. Daí tinha a eleição do presidente, do secretário tudo. Era um meio deles trabalharem num outro setor da escola agrícola, que também era a parte administrativa, que é muito importante também. Então eles gostavam. Eles formavam as chapas, faziam aquela disputa entre as chapas. E, também, porque na cooperativa tinha o computador, tinha as coisas que eles não tinham acesso só na escola. Então já era meio também eles trabalharem uma coisa nova, com tecnologia para poder gerenciar a cooperativa. Daí nesta época a cooperativa podia fazer as coisas também, a gente vinha para cidade. Então nessa época já tinha uma industrialização bem assim que a gente podia fazer queijo, fazia linguiça, fazia copa, a gente fazia muita coisa industrializada. E aí depois a gente vinha para cidade para vender isso daí. O pessoal ficava procurando sem parar a escola agrícola que tinha banquinha. No domingo lá, a gente vendia ovo, vendia toda essa parte de industrialização, o queijo; tudo que era produzido lá. Aí depois eles fizeram lógico, um abatedouro, tinha câmara fria, tudo para gente, porque os bovinos eram abatidos lá e a gente desmanchava toda a carne, separava para ir para o refeitório. Quer dizer, não precisava vim pra cidade. Agora eu não sei mais, porque depois teve muita terceirização, não sei, se pode mexer, parece que ele tá desativado de novo a industrialização. Eu não sei. Faz muito tempo que eu não vou lá.

JZMP: É agora toda essa parte de, da alimentação, refeitório é tudo terceirizado.

MABR: Terceirizado, agora já não é mais.

JZMP: Agora já não é mais. Mudou bastante coisa. Terceirizou a parte de limpeza, segurança e o refeitório. A questão das formaturas que eu comentei com a senhora um dia. Que quando eu era criança, que eu frequentava a escola (risos). E eu me lembro que a senhora fazia a última chamada na formatura dos alunos lá.

MABR: É porque sempre eles acabavam chamando a gente pra paraninfo, mesmo que não fosse paraninfo, a gente gostava de falar alguma coisa para eles no dia assim que era o último

dia deles na escola. Então, à medida que eles estavam lá, les sempre tiveram, todos tiveram apelidos. E eu era uma das professoras que eu não gostava, não é que eu não gostava, eu não memorizava apelido. Eu sempre memorizei muito nome da pessoa. Então só chamava eles pelo nome sem apelido. Só que ao mesmo tempo eu sabia qual o apelido de cada um. Então à medida que eles iam chegando na terceira série você ia sempre se preparando pra aquela solenidade do fim. Então, sempre ia vendo alguma coisa pitoresca que tinha acontecido com eles durante o curso, pra depois nessa última chamada, eu pegar e falar. Fulano de tal. Então falava alguma coisa que ele tinha feito durante o curso. Quer dizer, aquilo para eles era uma coisa que reavivava um acontecimento que as vezes o pai e a mãe não sabiam. Eles eram obrigados explicar pro pai e a mãe. Quer dizer era uma coisa pitoresca. E eles gostavam. Eles ficavam na expectativa do que que eu ia falar na formatura deles; às vezes até antes da formatura, o que que a senhora vai falar de mim dona Cidinha? (risos) Eu não falei ainda você vai esperar o dia da formatura. E aí eu vou fazer a última chamada de vocês, aí você vai ver o que que eu vou falar.

JZMP: Era bastante esperado.

MABR: Era bastante esperado.

JZMP: Que bacana né!

MABR: Até agora quando eu participo do grupo deles, eu sei quem é que participa do grupo, então às vezes sempre tem o que responde o bom dia logo no começo e o que nunca aparece. Então eu começo assim: e fulano, chegou atrasado hoje! Eles morrem de dar risada, que não tem mais aula, não tem mais nada, mas eu fico falando para eles. E você chegou atrasado! E agora hoje já levou falta! (risos) É uma brincadeira que eu faço com eles até hoje. E eles acham o máximo porque, realmente é um vínculo que a gente tem com eles desde a época né.

JAMP: É, e é uma forma de...

MABR: De continuar com amizade.

JZMP: Continuar, exatamente. É a senhora falou em um dos alunos que a senhora destacou, e que foi o Juninho e o Juninho foi um dos alunos que eu fiz a entrevista com ele. Acho que

foi no mês de abril desse ano, abril ou maio. E o Juninho, ele citou as suas aulas na **entrevista.**

MABR: (risos) Que bom!

JZMP: E aí ele falava assim, ele falou assim na entrevista: “a professora Cidinha na aula de Zootecnia, puxa vida, é gostoso até hoje olhar para um Apiário e entender como aquilo funciona; uma criação de galinhas e entender como funciona aquilo! Então as aulas de zootecnia da Cidinha eram fantásticas!” Ele fez esse comentário. (risos) Olha que bacana!

MABR: É muito bom. Isso que é gratificante!

JZMP: Exato! E o aluno olhar, lembrar de algo que ele estudou lá já faz tempo!

MABR: Faz bastante tempo!

JZMP: Ele falava assim pra mim: olha eu contrato o engenheiro, eu contrato a mão de obra especializada para isso, mas eu sei que tudo que eles vão fazer.

MABR: Exatamente!

JZMP: Eu já tenho um projeto na minha cabeça e eu sei exatamente o que o que eles vão fazer, da forma como tem que ser feito, né dona Cidinha.

MABR: Exatamente isso. Eu acho que o importante na escola agrícola é exatamente isso. É um pré do que aquilo que eles vão trabalhar. Então, eles já aprenderam como que é. Então, se eu já sei como que é, é muito mais fácil de eu cobrar do que uma pessoa que tá por fora não sabe o que faz, se não faz, quanto que demora; quer dizer isso daí ele já tem. Ele já tem, ele já tem a experiência anterior. E o que é bacana que eles falam, que todos, a maioria dos que vão fazer a faculdade, é como se eles tivessem assim já sabendo um monte de coisa que é fornecida na faculdade que eles já tiveram na escola agrícola. Não que a gente tenha pretensão de ter sido uma faculdade, mas é que os ensinamentos que a gente passou, realmente foram fundamentais para eles depois.

JZMP: É, e vai aproveitando isso pra vida, pra faculdade, pra vida profissional e tudo mais.

MABR: É isso daí! É muito gratificante. Eu trabalhei 25 anos na escola. Não me arrependo. Se eu tivesse que voltar e começar outra vez, acho que eu começaria do mesmo jeito, porque graças a Deus eu me realizava enquanto eu estive lá professora e como orientadora dos alunos. Porque além da gente ser professora a gente procurava orientá-los também na vida profissional, na vida normal, privada; assim como se fosse uma segunda mãe ou uma segunda orientação para eles na vida futura. E tem aluno que fala isso: nossa, mas o que a gente teve lá a gente teve a bagagem de casa mais a bagagem de escola. Quer dizer então, isso formou a gente melhor do que muita gente que não teve orientação nenhuma! Isso a gente ouviu quase que direto. É só a gente encontrar com eles, a gente acaba vendo essa afirmação deles. Que não é só em relação a mim, é em relação à escola; escola com um todo. Todo pessoal que trabalhou na formação deles.

JZMP: E como é que foi essa questão: a senhora falou que a senhora iniciou lá em 74. A senhora já era casada na época?

MABR: Não, casei em 78.

JZMP: A senhora casou em 78, constituiu família, aí vieram os filhos, e como é que foi conciliar tudo isso?

MABR: Aí graças ao meu marido, eu pude conciliar isso. Primeiro, minha sogra que quando nasceu meu primeiro filho, quando comecei a trabalhar, acabou minha licença de gestação, ela se propôs a ficar com meu filho para eu poder trabalhar, continuar trabalhando. Então ela olhava meu filho. E meu marido mantinha a casa, porque eu tinha empregada, só que ele também nunca foi acostumado a comer comida de empregada. Então ele, não pode deixar que eu vou fazer a minha comida, faço pra empregada, faço pros meninos. Eu tive dois meninos, só que o meu mais velho faleceu. Então era o que ficava com a minha sogra. Depois de um ano eu tive o outro né, aí a minha sogra já não ia dar conta de duas crianças. Aí eu tive a sorte também de ter uma tia do meu marido, porque a família dele é todinha daqui, a minha ninguém, só eu que vim para cá. Aí a tia se propôs a cuidar do meu segundo filho. Essa tia, ela ia em casa e ficava a manhã inteira; porque ela também era viúva, a filha dela já nem morava no Brasil, quer dizer, ela não tinha nada que impedisse ela. Então ela ia em casa, ficava com ele a manhã inteira, fazia todas as coisas para ele, eu tinha empregada também que era babá dele, a hora que ela precisasse ir embora, a babá ficava, aí eu voltava à tarde daí eu tinha que dar conta dos filhos, mas foi um período que se eu não tivesse alguém do meu lado como meu marido foi, realmente não ia dar, porque era ir de manhã e só voltava à

tarde. Não tinha como ir para fazenda, voltar no almoço, tornar ir e voltar. Porque era muito gasto também, de gasolina tudo; além do que, por exemplo, depois que o ônibus começou a funcionar, a gente ia cedo com o ônibus. Tinha que entrar pra primeira aula e depois tinha que esperar o que desse a última aula; quer dizer podia até tá de folga, mas eu não tinha como vim, a menos que eu tivesse ido de carro e voltasse embora. Então foi um período realmente batalhador, mas que valeu a pena.

JZMP: Que bacana né, legal! E aí agora, nossa escola esse ano já se completou aí 50 anos.

MABR: Eu por alguns anos que eu não pego desde o começo.

JZMP: É, por pouquíssimo tempo né dona Cidinha!

MABR: É isso daí.

JZMP: Por pouquíssimo tempo.

MABR: Foi 71 né, eu vim em 74, vim 3 anos depois.

JZMP: É e como é que foi fazer parte desse processo, de construção da escola. Eu posso falar que a senhora estava lá...

MABR: Desde o começo.

JZMP: Desde o começo praticamente.

MABR: Eu acho que foi muito bom, muito bacana, foi também uma experiência que eu não tinha antes, por que eu tinha feito o que? Faculdade de veterinária só. Então eu só aprendi as funções de veterinária. Eu nunca pensei que eu ia ser professora de veterinária. A gente nunca sabe os caminhos que levam a gente. Quer dizer, no momento, o que me ofereceu foi uma vaga de veterinária para uma escola agrícola, quer dizer, e eu tive que aceitar isso daí e fui eu acho que eu desde o começo eu me saí bem porque, apesar de eu não ter sido formada como professora, eu consegui levar. Depois fiz o curso que foi necessário porque eu tinha que ter um título de professora; fiz o curso e tudo bem. Eu acho que valeu a pena, que foi muito bom, muito gratificante. E eu sinto muito prazer e honra de dizer: eu fui professora da escola agrícola! Jamais teria vergonha de falar isso! E realmente foi uma coisa muito boa na

minha vida. E fico muito gratificada, também pelos ex-alunos nossos que voltam, e contam todas as experiências deles. E que realmente a gente sabe que são homens honestos, bons, trabalhadores, que constituíram famílias e que são famílias realmente que estão bem alicerçadas. A gente tem muitos ex-alunos aqui na cidade também. Só que tem alguns que já saíram do setor. O Heraldo que é dono da Construfácil, é ex-aluno nosso, só que ele saiu da atividade agrícola. Mas, ele é uma pessoa também batalhadora, que conseguiu, que tá progredindo para vez mais e que faz parte dos nossos ex- alunos.

JZMP: Eu acho que assim, a base que a escola deu pra esses alunos, como a senhora mesmo disse, não era só ensinar a prática da agropecuária. Outros valores outras...

MABR: Tudo a gente procurava envolver. Eu falei: eu também não sei, porque a gente não participou de outras escolas pra gente saber se realmente o pessoal também era assim envolvido. Porque em muito lugar a gente que sabe, até nas escolas normal, que o professor vai lá e vende o peixe dele, tchau e bença e não quero nem saber. A realidade é essa, infelizmente, porque se ele escolheu aquilo ele tem que ser dedicar porque é realmente uma doação. Ser professor é uma doação. É um ministério que pode ser comparado até o de um sacerdote, de pastor, porque realmente você não é só ir lá e pan o que você sabe e tchau. Não é bem por aí.

JZMP: É isso mesmo. Não é para qualquer um ser professor.

MABR: Não é pra qualquer um! De jeito nenhum.

JZMP: Ah, que bacana ouvir a história de vida da senhora! A senhora quer deixar mais alguma mensagem?

MABR: Eu, agora assim a gente fica meio assim né! Mas eu acho que se eu fosse começar eu começaria novamente. E tudo que eu dediquei para aquela escola, eu dedicaria normalmente outra vez. E ao mesmo tempo, eu me sinto tão agraciada por ter tantos alunos, tantos ex-alunos excelentes como os nossos, os que passaram na nossa escola. Só que daí chega numa certa época, eu também tive problemas de saúde, eu tive que me afastar e aposentadoria é uma coisa também normal para vida da gente. Então, infelizmente a gente não pode continuar eternamente fazendo aquilo que a gente gosta. E agora eu tenho que me dedicar a minha neta que eu vou tentar passar para ela os valores, que eu passava para os meus alunos. Pelo menos ela, pra começar uma vida nova né, uma vida dentro dos valores

de família, de sociedade que infelizmente estão se tornando muito, muito assim, poucos né atualmente.

JZMP: Ah, mas que bacana né! E a gente segue né, a aposentadoria chega, outros entram e a gente segue a vida né!

MABR: Exatamente, não tem como ser eterno.

JZMP: É verdade! Então eu agradeço muito a senhora ter me recebido aqui na sua residência.

MABR: Pra mim foi um prazer!

JZMP: E ter me contado essa vivência, essa experiência, essa história da sua vida; que a senhora pôde contar com pessoas próximas que auxiliaram também, né dona Cidinha, a gente sempre tem uns os anjos na vida e que nos socorrem quando a gente precisa.

MABR: É isso daí. É isso que é importante. Eu fiquei muito feliz porque afinal de contas eu fui uma professora que foi uma das escolhidas, vamos dizer assim, para dar um depoimento, que pra mim foi um depoimento bastante agradável. E que todo prazer eu fiz e tudo que eu fiz para escola agrícola também foi de coração. E faria novamente. E não sou só eu. Acho que a maioria dos professores que passaram por lá, a gente faz, parece que a gente pegou um amor diferente por tudo aquilo do que você vê acontecendo no restante das outras escolas, dos outros lugares.

JZMP: Até porque a senhora ficava mais tempo lá do que na própria casa né?

MABR: Exatamente, eu ficava das sete da manhã até as cinco, seis da tarde... (risos)

JZMP: Não tem como né, acabava criando uma afinidade com as pessoas dali, com a equipe, com os alunos e virava uma família gigante.

MABR: Uma família gigante. Exatamente era isso que a gente era, uma família, com as cozinheiras; as cozinheiras também, a gente fazia aniversário para os alunos também. Todo final de mês a gente pegava todos os aniversariantes do mês, às vezes professor também; aí a gente fazia uma festa no refeitório. As cozinheiras faziam aquele bolo enorme; aí a gente

morria de rir porque eles entravam na fila 30 vezes que nem criança. Então, enquanto tivesse bolo, eles estavam entrando na fila. Mas, você já não pegou? Já. (risos)

JZMP: Só que estava tão bom, que quero um pedacinho de novo.

MABR: Então também isso é uma coisa diferente né! Não se faz isso!

JZMP: Com certeza, mas é isso...

MZBR: A gente vai lembrando as coisas pitorescas e depois...

JZMP: Ah, mas é muito bom trazer tudo isso a mente da gente.

MABR: Eu falei, foi um retorno ao passado muito gratificante!

JZMP: Que bacana! Então está bom dona Cidinha. Obrigada mais uma vez pela sua atenção e tenha uma boa tarde.

MABR: Imagina, pra você também. Eu agradeço a atenção de vocês também.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Janice Zilio Martins Pedroso

Maria Aparecida Basto Rossi

Medicina Veterinária

ESALQ

Esquema I

Licenciatura

Caminhão bóia fria

Zootecnia

Roça

Colégio Agrícola

Técnico Agrícola

Técnico em Economia Doméstica

Monitor Agrícola

José Rubens Rocheli

Diretor agrônomo

Olivinia Negrão

Projetos Escola Fazenda

Laboratório de Práticas de Produção – LPP

Projetos do Laboratório Agrícola Orientados

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Técnico em Agropecuária

Cinquentenário

Cooperativa Agrícola

Cultura técnica

Português

Matemática

Horta

Centro de Memória

Eva Chow Belezia

Apostila da cooperativa agrícola

Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo

Departamento de Ensino Técnico

Terceirizados

Antonio Carlos de Seta

Antonio Salvador Consalter

Laureano Scucirglia

Luzia Ortega

José Zacura

Aviário

Apiário

Alimentação escolar

Parceria com a prefeitura

Bovinocultura de leite

Administra e Economia Rural

Dados Biográficos da Entrevistada



Maria Aparecida Basto Rossi. Nasceu em Sorocaba em 7 de outubro de 1947. Fez a educação básica de 1963 a 1965, o Colegial no Instituto “Dr. Julio Prestes de Albuquerque” em Sorocaba, e de 1963 a 1965, o Magistério na Escola Normal Particula “Santa Escolástica” em Sorocaba. A graduação, de 1967 a 1971, em Medicina Veterinária na Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, atual UNESP “Júlio de Mesquita Filho” Campus Botucatu. De fevereiro a julho de 1972 fez o Esquema I- Curso para formação de professores de disciplinas especializadas do ensino do segundo grau, área agrícola, na Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Em 1995, fez o Curso de suinocultura no Posto de Suinocultura de Itapeva, promovido pelo Instituto de Zootecnia do Estado de São Paulo. Quanto a trajetória profissional, em 1971, ministrou aulas práticas na disciplina de Fisioterapia e Radiodiagnóstico do Departamento de Medicina Veterinária da FCMBB, de 2 de março de 1972 a 9 de fevereiro de 1973 foi docente de cultura técnica no Colégio Agrícola de Cerqueira César. De 9 de fevereiro de 1973 a 26 de setembro de 1998 foi docente de cultura técnica nas disciplinas de: Zootecnia, Criações, Administração e economia rural, Cooperativismo e industrialização agropecuária da ETAESG “Maria Joaquina do Espírito Santo” em Santa Cruz do Rio Pardo. De 12 de fevereiro de 1975 a 1 de agosto de 1977 foi professora de Ciências físicas, química, biológica e programa de saúde na Escola Técnica de Comércio “XX de Janeiro” em Santa Cruz do Rio Pardo. De 6 de agosto de 1975 a dezembro de 1975, foi professora Instrutora de PIMO-A (Programa Intensivo de Preparo de Mão de Obra- Agrícola) ligada à CTAE de Santa Cruz do Rio Pardo. De abril/1980 a janeiro/1988 foi professora de

Química na Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura (OAPEC) integrada ao sistema Anglo de Ensino. Em maio de 1993, ministrou curso de Iniciação em Apicultura em colaboração com o Projeto ESALQ/DRI/KELLOG na ETAESG “Maria Joaquina do Espírito Santo”. E em 1995, ministrou palestras proferidas através da Secretaria Municipal de Educação e Esportes de Santa Cruz do Rio Pardo, sobre “Prevenção ao uso de drogas” para pessoas da comunidade e professoras da Rede Municipal de Ensino. E finalmente, em 1996, deu palestras para todas as séries e períodos da Escola Estadual de 2º grau “Leônidas do Amaral Vieira. Quanto a atividades pedagógicas administrativas, de novembro/1973 a janeiro/1975 foi orientação da Cooperativa Escola de Trabalho e Produção comum dos alunos do CTAE de Santa Cruz do Rio Pardo. Em setembro/1970, Juiz da I Exposição de cães de Botucatu e região. De novembro/1993 a janeiro/1994, fez Assessoria junto ao SENAR. Em 1998 foi empossada como membro do Conselho Municipal de Entorpecentes de Santa Cruz do Rio Pardo. De 1994 a 1996 foi Orientadora da Cooperativa escola da Etec Orlando Quagliato, elaborando a apostila sobre cooperativa escola no projeto Cooperativa Escola-Convênio Ceeteps/Vitae juntamente com a coordenadora do Projeto Eva Chow Belezia. Apostila editada pelo Ceeteps em 1998.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio Pardo, em 04 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados

na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização Latu Sensu em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização Latu Sensu em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018) e Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Desde 1997, é professora na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e na Etec Orlando Quagliato. Foi Instrutora de Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho. Desde 2019, é Coordenadora de curso na Etec Orlando Quagliato. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa- Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial – Universidade Estadual do Norte Pioneiro, desde 2021.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão abertos online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Maria Aparecida Basto Rossi

Termo de Autorização para uso de Imagem de Maria Aparecida Basto Rossi